



ERICH WOLFGANG KORNGOLD: *Die tote Stadt*

Die tote Stadt representa, fundamentalmente, um mórbido culto ao passado -o de Paul, o protagonista, obcecado pela recordação de sua esposa morta- e, no transcurso da ópera, mostra o traumático processo que terminará libertando-o dessa obsessão e devolvendo-o à realidade e à vida.

Paul vive encerrado numa casa que havia convertido em santuário cheio de recordações -retratos, objectos, madeixas de cabelo- de Marie, sua mulher morta. No entanto, a irrupção casual de Marietta, uma mulher prodigiosamente parecida a Marie, na sua vida transtorna-o. A atracção que Marietta - uma cantante alegre e desenfadada- exerce sobre Paul, traduz-se, cenicamente, em situações oníricas que revelam as emoções contraditórias que se enfrentam na consciência de Paul (desde a metade do primeiro quadro até bem avançado o terceiro, tudo o que vemos ocorre unicamente na sua imaginação). Por um lado, o mundo que o atrai e que ele deseja expressa-se numa companhia de comediantes (que faz lembrar a da ópera *Ariadne auf Naxos* de Strauss), que cantam e bailam com desavergonhada vitalidade. E por outro, esta atracção provoca-lhe uma sensação de culpabilidade que se materializa em determinados aspectos da cidade de Bruges e nas suas procissões religiosas (portanto, a cidade de Bruges desempenha a função de símbolo do mal -o mórbido culto ao passado- que aflige Paul).

No final de seu sonho, Marietta, que o havia seduzido, castiga-o com burlas relacionadas com sua religiosidade e com a memória de sua falecida esposa Marie, até o momento em que se apodera de uma trança da defunta, que Paul guardava como uma relíquia, e dança provocadoramente. Paul, horrorizado, estrangula-a. Mas tudo havia sido um sonho, e a realidade impõe-se quando entram na habitação Brigitta, a criada, Marietta, a quem Paul deixa sair sem a reter, e seu amigo Frank, que lhe propõe que abandone Bruges com ele. Paul aceita.

Erich Wolfgang Korngold (Brno, Morávia, 1897-Hollywood, Califórnia, 1957) -um compositor judeu proscrito pelo nazismo o que o obrigou a exilar-se (1934)- escreveu para *Die tote Stadt* (1920) uma partitura ecléctica e muito intensa que adapta a cada uma das situações o registo que melhor as pode expressar. Assim, as alucinações do protagonista contam com uma música veemente e dolorosa. Korngold estreeou-a aos vinte e três anos e na sua música podem-se rastrear influências de Mahler, Strauss e Puccini. A orquestração é muito brilhante.

Representações

12, 18, 20, 22, 24 e 26 de Abril às 20.30 h e 30 de Abril às 17.00 h; 4 e 8 de Maio às 20.30 h e 6 de Maio às 18.00 h.

Ficha artística

Direcção musical: Sebastian Weigle
Encenação: Willy Decker
Reposição: Meisje Barbara Hummel
Cenografia e figurinos: Wolfgang Gussmann
Iluminação: Wolfgang Göbbel
Coreografia: Athol Farmer
Co-produção: Gran Teatre del Liceu / Festival de Salzburgo / Staatsoper de Viena / Nederlandse Opera (Amesterdão)

Paul: Torsten Kerl / Klaus Florian Vogt (20 e 24 de Abril) / Norbert Schmittberg (6 de Maio)
Marietta / Marie: Susan Anthony / Stephanie Friede*
Frank / Fritz / Pierrot: Bo Skovhus / Markus Eiche*
Brigitta: Julia Juon / Francisca Beaumont*
Juliette: Begoña Alberdi
Lucienne: Marisa Martins
Victorin: Francisco Vas
Conde Albert: Francesc Garrigosa
Gaston: Roberto Miguel / Màrius Perán*

* 20 e 24 de Abril e 6 de Maio

Orquestra Sinfónica e Coro do Gran Teatre del Liceu
Direcção do Coro: José Luis Basso

CORO VIVALDI: PETITS CANTORS DE CATALUNYA
Direcção do Coro: Òscar Boada

Conferências

Conferência de Arnaldo Liberman.

Organizada por Amics del Liceu. Sala do Coro do Gran Teatre del Liceu. 10 de Abril, às 19.30 h.

Prévias

Será oferecida no Foyer, três quartos de hora antes do espectáculo, uma sessão informativa sobre a ópera.

Exposição

«Korngold». Exposição sobre Erich Wolfgang Korngold organizada por Amics del Liceu. Cronologia da vida e obra do compositor a partir de uma antologia de fotografias, programas de ópera e de concertos, recortes de imprensa, cartas e partituras desde 1897. Balcão Foyer. De 12 de Abril a 8 de Maio.

Outras actividades

Coincidindo com *Die tote Stadt* o Espai Liceu projectará um documentário (legendado em castelhano) sobre a vida de Erich Wolfgang Korngold:
- *The Adventures of a Wunderkind*, de 90 minutos de duração, poderá ver-se nos dias 12, 18, 20, 22, 24 e 26 de Abril às 18.30 h. e nos dias 4 e 8 de Maio às 18.30 h.
- *The Adventures of a Wunderkind* e concertos de Korngold, de 144 minutos de duração, poderá ver-se numa única sessão no dia 29 de Abril às 17.00 h.

Livros

George Rodenbach: *Brujas, la muerta*. Tradução de Mauro Fernández. Madrid: Sugerencia Editorial, 2000.

Emissões radiofónicas

30 de Abril, às 17.00 h. Radio Clásica de RNE (em directo).

18 de Abril, às 20.30 h. Catalunya Música (em directo).



© Fotos: ANTON BOMIL

DA HISTÓRIA:

***Die tote Stadt* está baseada no romance *Bruges-la-morte* (1892) do poeta simbolista belga Georges Rodenbach (Tournai, 1856-Paris, 1898) que adaptaram para a ópera o próprio compositor e seu pai, Julius Korngold. No prólogo da primeira edição ilustrada do romance, Rodenbach escreveu o texto o qual reproduzimos integralmente. Rodenbach faz referência a umas ilustrações que na dramaturgia da ópera terão outras formas, mas não uma função diferente da designada pelo autor. Como proclamava o simbolismo -a escola estética à qual pertencia Rodenbach-, como evidencia a novela e como expressa também a ópera de Korngold, Bruges -a cidade enevoada e melancólica- desempenha a função de espelho do que sucede na consciência do protagonista. Por isso é seu símbolo.**

«Neste estudo passional, quisemos evocar também, e principalmente, uma Cidade, a Cidade como uma personagem essencial, associada aos estados de ânimo; ela é igualmente uma personagem que aconselha, que dissuade e que determina a actuar

Desta maneira, na realidade, essa Bruges que nos satisfaz eleger aparece quase humana... Estabelece-se um ascendente que vai dela a seus habitantes.

Ela modela-os segundo suas paragens e seus sinos.

Eis aqui o que quisemos sugerir: a Cidade orientando uma acção; não pretendi considerar suas paisagens urbanas apenas como um quadro de fundo ou temas descritivos elegidos arbitrariamente, mas sim que os descrevi associados ao próprio núcleo da narração.

E como têm sua importância, pois esta decoração de Bruges intervém no enredo do livro, se reproduzem também aqui, se intercalam entre suas páginas: os cais, as ruas desertas, as casas antigas, os canais, a beataria, as igrejas, os objectos do culto, o campanário, para que os que nos lêem percebam a influência da cidade, vivam o contágio das águas próximas e sintam a sombra das altas torres projectar-se sobre o texto».

Georges Rodenbach

DO ESPECTÁCULO:

«Willy Decker e Wolfgang Gussmann introduziram o espectador no mundo patológico de Paul, que tinha ficado viúvo. O seu grande salão, com um segundo espaço interpretativo situado na zona do pano de fundo onde têm lugar as sequências do sonho, limita-se ao essencial no que diz respeito à decoração, e está constituído pelo retrato de sua esposa morta, Marie, e a urna onde Paul guarda o cabelo que lhe cortou. "A cidade morta" de Decker não é Bruges, mas sim o próprio Paul, um homem com tendência ao fetichismo necrófilo que só utiliza todo o seu meio social e espacial para criar seu próprio mundo de dor. No segundo quadro, no entanto, o director de encenação não confia unicamente na grande tensão interna da obra, pelo que trabalhou com efeitos surpreendentes a fim de exagerar o pesadelo de Paul [...]. No final, o "Paul" de Decker parece curado de verdade, sai da habitação e fecha a porta atrás de si com muito cuidado. Bem está o que bem acaba? As intensas imagens sonoras de Korngold propagam entre os espectadores uma sensação de dúvida».

S. S. GAUSS: *Die tote Stadt* no Festival de Salzburgo. («Das Opernglas», Outubro de 2004)

«Willy Decker procurou a legibilidade, apesar de que situa o drama entre o sonho e a realidade, com umas fronteiras que estão constantemente misturadas. De aí provêm os constantes efeitos de desdobramento -do espaço, das personagens- que testemunham a perturbação de uma consciência dolorosamente encerrada na regressão e na negação [...] rodeada por fantasmas de sujidade e de profanação, como esta cidade percorrida por procissões de penitentes e oprimida numa fé masoquista e inibidora. A imagem da crucificação tende à obsessão, com aquele Cristo substituído em sua cruz por Brigitta, que se sacrifica pela alma perdida de seu amo. [...] As cores são muitas vezes amareladas, também muitas vezes reduzidas a uma oposição entre o branco e o preto, em particular para as personagens da *commedia dell'arte*. [...] Esta produção de *Die tote Stadt*, em que o director iluminou com tanta inteligência a obscuridade de um ego neurótico, é seguramente o melhor momento do festival»

Didier van Moere: *La Ville morte a Salzberg*. («L'Avant-Scène Opéra», n° 223)

«Um espectáculo colossal [...] A narração manifesta-se em dois planos em profundidade diferente muitas vezes simultâneos: aquele que ocorre no que poderíamos chamar a realidade e aquele que passa pela mente de Paul. Os limites entre ambos são ambíguos [...] Não há referências concretas a Bruges, nem tão-pouco a Veneza, as duas cidades citadas no libreto. O espaço é interior. Os elementos cenográficos limitam-se ao essencial: rosas desperdiçadas, fotografias da morta que se multiplicam como num pesadelo [...]. A iluminação lateral de Wolfgang Göbbel e o uso de planos em diagonal com movimento [...] enfatizam a atmosfera de mistério e indeterminação»

Juan Ángel Vela del Campo: *Salzburgo brilha com A cidade morta* ("El País", 17 de Agosto de 2004)



SESSÕES NO FOYER:

Korngold

«En ocasió de *Die tote Stadt*»

Neste concerto repassaremos algumas das linhas menos conhecidas - deixando a um lado a música para filmes- de Erich Wolfgang Korngold, músico nascido em pleno Império austro-húngaro que acabou seus dias em Hollywood. Poderemos escutar parte de sua obra para piano, *lieder*, um quarteto muito brilhante..., elementos muito representativos do domínio e a sabedoria criativa de uma menino-prodígio entre o classicismo vienense e o colorido de ultramar.

Erich Wolfgang Korngold

(1792-1868)

Dom Quixote

«I. Don Quixote über den Ritterbüchern und seine Sehnsucht nach Waffentaten»

«II. Sancho Panza auf seinem “Grauen”»

«III. Don Quixotes Auszug»

«IV. Dulcinea von Toboso»

«V. Abenteuer»

«VI. Don Quixotes Bekehrung und Tod»

[Stanislav Anghelov]

Lieder des Abschieds, op. 14

«Sterbelied»

«Dies eine kann mein Sehnen nimmer fassen»

«Mond, so gehst du wieder auf»

«Gefasster Abschied»

[Inés Moraleda, Stanislav Anghelov]

Quarteto N.º 3 em ré maior, op. 34

Allegro moderato

Scherzo

Sostenuto

Finale

[Quartet Korngold]

Sonett führ Wien, op. 41

[Inés Moraleda, Stanislav Anghelov]

Solistas:

Inés Moraleda, *mezzosoprano*

Stanislav Anghelov, *piano*

Quarteto Korngold:

Liviu Morna e Renata Tallonari, *violinos*

Fulgencio Sandoval, *viola*

Matthias Weinmann, *violoncelo*

Aconselhamento musical e apresentação:

Jaume Creus

Sábado, 29 de Abril às 20.30 h

Preço único: 7.50 €

NO DIA DE SANT JORDI, MOZART NO ESPAI LICEU:

Jaume Radigales:
Mozart a Barcelona. Recepció operística (1798-2006)
Publicacions de l'Abadia de Montserrat

Mary Hunter i James Webster:
Opera buffa in Mozart's Vienna
Cambridge University Press

David Hurwitz:
Getting the most out of Mozart
Amadeus Press

Pierre Michot:
Mozart, opéras. Mode d'emploi
L'Avant-Scène Opéra

Marc Vignal:
Haydn et Mozart
Fayard

Piero Melograni:
La vita e il tempo de Wolfgang Amadeus Mozart
Laterza

H.C. Robbins Landon:
1791. El último año de Mozart
Siruela

Eduard Mörike:
Mozart, camino de Praga
Alba editorial

Ramon Andrés:
Mozart, su vida y su obra
Ma Non Troppo

Jean y Brigitte Massis:
Mozart
Turner

Lorenzo Da Ponte:
Memorias
Siruela

Livros infantis

La gran biblioteca de les tres bessones: W.A. Mozart (inclui DVD)
Cromosoma

Mozart i la seva època
Malsinet (disponível em catalão e em castelhano).

La flauta màgica (inclui CD)
Hipòtesi (disponível em catalão e em castelhano).

Juga amb Mozart. Dibuixa i diverteix-te amb la seva música (inclui CD)
Beascoa (disponível em catalão e em castelhano).

Mozart, el petit mag (inclui CD)
Lumen (disponível em catalão e em castelhano).

No dia de Sant Jordi*, de 12 a 13.30 h, Victoriano Bermejo e Miguel Gallardo, autores do livro *La historia más divertida de Mozart niño*, disponível em catalão e em castelhano, assinarão exemplares desta novidade literária, no Espai Liceu.

MECENES I ALTRES COL·LABORACIONS:

Convénio de colaboração com a Fundació Tot Raval

No passado dia 31 de Março, a Exma. Sra. D. Rosa Gil, presidenta da Fundació Tot Raval, e a Exma. Sra. D. Rosa Cullell, directora-geral da *Fundación del Gran Teatre del Liceu*, assinaram um convénio de colaboração a fim de potenciar a presença do *Gran Teatre del Liceu* em diferentes actividades do bairro do Raval e facilitar a assistência de escolas de música, jardins-de-infância, institutos e lares do reformado do bairro a alguns dos espectáculos programados pelo Teatro. Com este convénio, o *Gran Teatre del Liceu* quer deixar patente o compromisso que tem como entidade cultural e participar na dinamização cultural, educativa e social do bairro do Raval.

* N.T.: Dia de Sant Jordi, padroeiro da Catalunha, dia do livro e da rosa

Consell de Mecenatge

Entitats Protectores